

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS
PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL
PROJETO INTEGRADO: MEMÓRIA E HISTÓRIA : VISÕES DE MINAS
ENTREVISTADORAS: LUCÍLIA NEVES
VALÉRIA PIRES
MÍRIAM HERMETO
ENTREVISTADO: DIMAS PERRIN
LOCAL: BELO HORIZONTE
DATA: 19/11/93 – 11ª SESSÃO

Entrevista - Fita 11 - lado “A”

L.N.: Dimas, na última entrevista,... nós concluímos falando da sua formatura e você fez um relato das suas primeiras atividades como advogado. Nossa entrevista está ocorrendo no dia 18? 19 do 11 de 93. Nessa data, o que você gostaria de lembrar mais do início dos anos 60, sobre a questão dos movimentos sociais, movimento de favelados?

D.P.: Eu gostaria de deixar consignado que o início da década de 60 pode ser caracterizado pelo assenso do movimento de massa, pelo fortalecimento das organizações sindicais e populares. Por uma coisa que por exemplo chamavam de... um período que chamavam de acumulação de forças. daquelas forças que estavam reprimidas anteriormente e que, nesse período, começaram a florescer novamente. Para comprovar, nós podemos verificar uma imensa quantidade de greves que surgiu nessa ocasião. Surgiram movimentos de sem casa. O movimento dos favelados teve um crescimento muito forte. Aqui em Belo Horizonte mesmo, o movimento dos trabalhadores sem casa, das famílias sem casa, se tornou tão grande que teve grandes repercussões nacionais. E eu me lembro disso muito bem porque, como eu estava iniciando minha carreira de advogado, eu fui logo chamado para ser advogado da Federação dos Trabalhadores Favelados, cujo presidente era Francisco Nascimento. E o Fabrício Soares, doutor Fabrício Soares também era advogado dessa Federação. Mas, eu, jovem, mais jovem, então atuava, ajudava o Fabrício na parte forense, mas também fazia questão de ter uma atividade prática muito próxima mesmo dos interessados. E nessa ocasião surgiu um grande

movimento de invasão de terrenos na região da Cabana, da velha Cabana do Pai Tomás e na BR 31. Eram terrenos que os trabalhadores consideravam como terrenos pertencentes à municipalidade. Porque o prefeito Jorge Carone havia, na sua campanha, anunciado que iria desapropriar esses terrenos para a construção de casas para os favelados. E logo, um pouco depois dele assumir a prefeitura, ele realmente fez um decreto de declaração de utilidade pública desses terrenos. Os trabalhadores interpretaram como sendo um sinal de que a promessa de desapropriação iria ser feita e começaram a ocupar os terrenos. Mas a desapropriação mesmo o Carone não fez. Mas os trabalhadores ocuparam muitos terrenos. Começaram ocupando lá na BR 31, terrenos ligados até... onde hoje encontra-se uma parte da Universidade Católica. Construíram suas casas ali, invadiram ali, e tiveram que enfrentar a reação policial ali muito forte. Depois foi feito... um dos proprietários dos terrenos, que era o deputado Antônio Luciano, alegou que era proprietário dos terrenos.

L.N.: Esse Antônio Luciano é aquele Luciano que era dono de tudo quanto é terreno em Belo Horizonte? O dos cinemas, o famoso Luciano?

D.P.: Ele era dono... diziam na época que ele tinha 200 mil lotes. Eu mesmo ouvi o doutor Fábio Bandeira, que era delegado DOPS na ocasião, dizer para ele que se fosse colocar um soldado da polícia militar em cada terreno dele, não dava. A polícia não dava. Agora, além dos cinemas, ele também era dono de muitos prostíbulos de Belo Horizonte. E tinha bancos. Aliás, o Banco Financial era dele. Ele deu até um grande calote na população. Porque esse Antônio Luciano, ele formou... a sua imagem está bem marcada por uma falta de caráter incrível. Era uma sujeito imoral, corrupto. É claro que não era... Talvez os de hoje... os corruptos de hoje também podiam se equiparar ou até passar a perna nele, mas ele era isso tudo de mau. Então ele alegou que era dono e tentou fazer um acordo da seguinte maneira, como interessava para ele ficar com os terrenos da BR 31, que ele achava melhores, ele tentou uma troca daquele terrenos com os terrenos da Cabana. Os trabalhadores aceitaram. Mas quando os favelados chegaram à Cabana verificaram que os terrenos da Cabana eram muito poucos, não davam para abrigá-los. Mas já estavam lá, resolveram ficar e aproveitaram a oportunidade e invadiram mais outros terrenos para poder ter a sua casinha ali. Aí a invasão cresceu muito mesmo. Mas foi uma coisa extraordinária. Ocuparam tudo. Cabana do Pai Tomás, Vila, Cintra, Nova Cintra, Vila Oeste, a BR 31. Foi uma invasão que mobilizou milhares de pessoas. E se tornou um negócio assim, impossível de reprimir da maneira que eles queriam, embora houve repressão. Houve muitas prisões, houve muitas violências, muitos barracos foram demolidos. Aqueles barracos que eram aquelas tendas, muitos começavam com uma simples tenda. Botavam um

pedaço de pau e forravam com um pedaço de pano em cima. Então a polícia chegava e tocava fogo naqueles panos ali e deixava a pessoa desabrigada. Mas o pessoal persistia ali. Nesse sentido, nessa ocasião, o doutor Magalhães Pinto, que era governador, ele tinha no governo dele uma ala favorável à repressão às invasões. E uma outra ala, mais humanitárias, liderada pelo professor Edgar da Mata Machado, era mais favorável a que se desse uma solução ao problema, de maneira que o pessoal pudesse ter uma casinha ou uma coisa onde morar. Não podia ficar no meio da rua como estava. Então o governo, dentro do governo havia essa contradição. E os trabalhadores naturalmente se aproveitaram também disso para poder se fortalecer cada vez mais nos seus lugares. Bom, mas a repressão existia. A polícia entrava, aquilo tudo. Houve até uma ocasião em que o Antônio Luciano, impossibilitado de conseguir uma repressão maior, ele tentou o auxílio do Exército. E mandou até pedir ao João Goulart para tomar as providências. Ele era deputado federal na ocasião. E eu fui encarregado de ir ao João Goulart com um grande abaixo assinado do povo, pedindo que não deixasse o Exército intervir. Então fui ao Jango e ele prometeu dizendo assim: que enquanto fosse presidente, o Exército não seria usado contra o povo. Então eu voltei e informei para o pessoal. Poucos dias depois o professor San Tiago Dantas veio aqui a Belo Horizonte para uma grande reunião na antiga Secretaria de Saúde, onde é o Minascentro, confirmar essa palavra do presidente João Goulart. Bom. Agora, o resultado prático dessa grande invasão é que milhares e milhares de pessoas hoje, muitas e muitas famílias hoje têm a sua casinha. Ficou estabelecida. A Cabana hoje é um conglomerado de mais de 100 mil pessoas. Então foi uma coisa importante. É bem certo de que após a chegada do golpe militar liquidou com a Federação dos Trabalhadores Favelados, prendeu inúmeros líderes dos trabalhadores, acabaram com as reuniões de defesa coletiva, que agora estão novamente se fortalecendo e ressurgindo. Esse movimento marcou época no movimento popular. E permitiu que a gente chegasse a uma conclusão: a luta pelas reformas de base, que era uma aspiração nacional, mobilizou, facilitou a mobilização do povo, mas também chamou a atenção dos adversários das reformas. E aqueles que defendiam as reformas de base estavam num processo de reconquista de liberdades democráticas, num processo de mobilização popular. E o outro lado percebendo que isso ia acabar mobilizando uma força social suficiente para impor as reformas, resolveu agir contrariamente. Então uma coisa é dizer que a acumulação de forças, o processo da acumulação de forças naquela ocasião estava em andamento, mas ainda não tinha chegado a um ponto que permitisse enfrentar as forças conservadoras, inimigas das reformas. Daí porque nós fomos derrotados naquela ocasião.

L.N.: Dimas, parece que esse movimento lá da Cabana do Pai Tomás marcou muito a sua vida, não é? Porque que você acha que isso teve um significado tão importante para você?

D.P.: É, marcou muito porque a gente, na luta social, em grande parte a gente começa através de leitura, de discussões, de debates. E a gente vai compreender muitas vezes a força das palavras quando a gente enfrenta a própria realidade. A brutalidade com que eu pude perceber o tratamento que era dispensado ao povo pobre, a miséria do pobre – que eu conhecia, porque eu também passei por uma fase difícil – mas que eu vi tão agravada ali, acaba exigindo... acaba nem propriamente exigindo, acaba fundindo a nossa própria pessoa com aquela necessidade, aquela compreensão de que tem que se fazer alguma coisa para transformar aquilo. Do contrário, a gente é cúmplice naquele crime. Isso é que marca. Então quando, eu vendo aquilo ali, eu achava o seguinte: se eu concordar, se eu ficar calado, eu estou apoiando essa coisa toda. Então se a mim foi permitido compreender essa grande injustiça social, que muitas vezes o pobre mesmo não entende, porque ele está tão envolvido naquela miséria que ele não entende, o meu dever é lutar. Aquilo marcou profundamente a minha pessoa, contribuiu muito para a formação do meu caráter, dos meus ideais. E acontece que logo depois veio o golpe militar que contribuiu também nesse sentido, para consolidar aquilo. Porque durante o golpe militar, durante a ditadura, eu sobrevivi muito à custa da solidariedade desses pobres que não tinham nada para dar à gente que não fosse o calor humano, a sua simpatia, o seu apoio moral, que é muito importante.

L.N.: Dimas, então vamos começar a falar dos anos 60, de todo o movimento que antecedeu ao golpe militar. Você estava dizendo agora mesmo que o movimento, a questão das reformas de base, o movimento social estava em pleno avanço mas ainda não estava consolidado a ponto de inclusive ter enfrentado essa interferência do golpe. E que o golpe também se organizou porque o movimento social estava crescendo. No meio desse burburinho todo que foram os anos 70, em 1972 você foi candidato a vereador pelo PTB. O que te levou a querer ser candidato a vereador, e por que você acha que a candidatura pelo PTB foi o melhor refúgio para o seu nome, que era do PCB? *[interrupção na gravação]*... Pode ir. Dimas, olha, você estava falando sobre o que te levou a ser candidato pela sigla do PTB.

D.P.: Olha, eu sempre tive uma grande simpatia pelo PTB, porque, em primeiro lugar é pela sigla, porque está relacionada com o trabalhador. Eu era um trabalhador, então daí a sigla, muito bem. Esse é um caso. Outro caso é que eu sempre tive muitos amigos dentro do PTB. Líderes sindicais, essa companheirada toda aí. A outra questão é que, naquela época, o PTB era um partido que estava desfraldando a bandeira das reformas de base. Era o carro chefe. O Partido

Comunista apoiava as reformas de base, mas a bancada do PTB, que era muito maior do que os possíveis elementos de esquerda no Congresso, liderava isso e o partido, PTB, tinha muitos elementos fortes que empolgavam a gente. O [] Rocha, por exemplo. O autor da lei da... criou a **Petrobrás**, monopólio estatal. E muitos outros. Muitos outros mesmo. Então eu achava que o Partido Comunista estando na ilegalidade, ele precisava estar aliado a uma outra força, outro partido, que estivesse legal e que não estivessem muito distanciados dele. Então como a nossa luta era [] então aquilo ali pode ser perfeitamente a nossa frente de luta. Eu sempre defendi a questão [] Durante a ilegalidade política nossa, eu sempre defendi que o partido tinha que ter uma frente política legal. Cheguei às vezes até a pensar que não havia nenhum inconveniente se existisse um outro partido. Podia ser um Partido Comunista ilegal e existir um Partido Patriótico, um Partido com qualquer nome, legal, porque a gente tem que agir dentro da legalidade, não é isso? Então acabei, fui para lá. Aí a raiz vem de longa data. Durante o processo Lúcio Bittencourt, por exemplo, quando o senador Lúcio Bittencourt quis ser candidato a senador, por Minas Gerais... – a senador não, a governador porque ele era senador – por Minas Gerais, eu apoiei a candidatura dele. O partido também apoiou. E eu fui exatamente o membro que o partido destacou para apoiar essa candidatura junto com o PSB. De forma que a nossa identidade foi sempre muito boa. Hoje o partido, o PTB perdeu muito daquela sua ideologia nacionalista, patriótica, perdeu muito. Hoje, em muitos lugares, ele é apenas uma legenda de aluguel, mas ele fez a sua história. E estava caminhando para ser... eu tenho até a impressão que já era o maior partido por ocasião do golpe.

L.N.: Em 72, ele ficou em 2º lugar nas eleições parlamentares, coladinho no PSB, numa próxima, ele/

D.P.: Ele iria.

L.N.: Você falou aí no Lúcio Bittencourt. Qual era a sua opinião sobre ele?

D.P.: Ah, eu achava que aquele senador Lúcio Bittencourt era um verdadeiro brasileiro. Patriota, correto, era um homem puro, honesto. Essa é minha opinião. Sempre tive essa opinião sobre ele. E pelo procedimento, pelo comportamento sempre tive uma grande impressão. Um homem totalmente diferente desses políticos que a gente está vendo por aí hoje. Correto mesmo, não é?

L.N.: Dimas, você como vereador teve um cuidado especial para com os favelados, não é? O que se destacou no seu mandato? Como é que você tratou essa questão da favela?

D.P.: Olha, na ocasião, defendendo a idéia de que um representante do povo tem que ter uma atividade parlamentar e uma participação ativa no movimento, eu tanto usava a tribuna e

apresentava projeto, aquilo tudo, como ia para as greves, para as passeatas, para os congressos, tudo isso. Agora, o que marcou a minha presença na Câmara foi o projeto que eu apresentei, procurando estabelecer que os terrenos pertencentes à municipalidade ou terrenos pertencentes a terceiros, porém já ocupados por favelados, fossem desapropriados e vendidos aos trabalhadores favelados ao preço de custo, custo histórico. E a uma prestação que não ultrapassasse a 10 por cento do salário do chefe da família. Era a solução. Não era paternalismo portanto, era uma coisa que fazia com que o trabalhador participasse da solução do seu próprio problema. Isso, para a ocasião, foi importante, mobilizou muita gente. // Chegamos a fazer passeata com 10 mil pessoas //

L.N.: E qual foi o destino desse projeto?

D.P.: Esse projeto foi o seguinte, ele ia muito bem, pressionado. Esse era um projeto que teve realmente a participação da comunidade e a pressão da comunidade. Apresentado o projeto, que foi o resultado de uma discussão com lideranças, nós combinamos de levá-lo à discussão com as comunidades. Então nós tivemos centenas de reuniões onde as comunidades apresentavam alguma sugestão para melhorar aqui ou ali. Depois, eu mesmo apresentei, então um substitutivo para que ele ficasse melhor. Muito bem. Agora, houve, uma coisa... O Carone, que era o prefeito, se opôs ao projeto. De cara, quando ele devia ficar a favor, porque ele tinha feito a demagogia toda de mandar dizer que ia dar terreno para os outros. Então fez essa demagogia toda. Mas, como os trabalhadores começaram a se mobilizar muito nas passeatas, e numa ocasião até ameaçaram cercar a Câmara dos Vereadores e só sair de lá depois que o projeto fosse aprovado. O Carone então passou a anunciar que se fosse aprovado, aceitaria o meu projeto... Mas, teve o seguinte, poucos dias antes do golpe, ele naturalmente não sabia que ia ter o golpe, mas foi coincidência, ele.... – eu não sei se eu devo confirmar que foi ele – o certo é que algumas pessoas se mobilizaram e combinaram com o vereador Antônio Dutra para apresentar um outro projeto, que estabelecia também a entrega de terrenos para os favelados, mas não tinha nenhum outro... quanto às questões da... do modo como deveria ser isso, não estabelecia nada. Era apenas uma promessa. E a Câmara aqui teve... veio o golpe, logo em cima a minha cassação. A Câmara então tomou uma atitude oportunista. O meu projeto tinha sido apresentado numa ocasião, bem antes do Antônio Dutra. O que a Câmara fez? Mandou anexar o meu projeto ao do Antônio Dutra, dando prioridade ao dele, não é, que não resolvia nada... nada, nada. E acabaram todos dois engavetados até hoje.

L.N.: Até hoje?

D.P.: Até hoje, engavetados.

L.N.: Dimas, a questão da favela é muito vinculada ao problema do êxodo rural, não é?

D.P.: É verdade. Muito mesmo.

L.N.: Que relação que você faz entre o seu trabalho em prol dos favelados e o movimento de reformas de base que pedia reforma agrária?

D.P.: Olha, eu acho que, lamentavelmente, enquanto nós não dermos atenção ao problema do interior, do campo, não realizarmos a reforma agrária, não criar melhores condições de vida no campo, o problema dos favelados não será solucionado. Porque eles continuam vindo para cá. Continuam vindo. Porque a televisão está aí hoje para mostrar uma coisa falsa. Mostrar uma vida que, na verdade, não existe para todo mundo na grande cidade. Mas o cidadão lá não está sabendo disso. Ele chega aqui, acha que é fácil arrumar terreno, fazer barracão e vai morar lá. Aí passa fome aqui. Ao invés de passar fome lá, passa fome aqui. Esse é o problema. Então eu acho que tem que haver uma ligação estreita mesmo na luta, em relação ao interior do país, do Estado, para solucionar essa questão daqui. Há tentativas. Há pouco tempo, o José Aparecido, que foi governador de Brasília, fez um projeto assim: vota com dignidade. Esse projeto, ele começou a trabalhar no sentido de chamar todas as pessoas que tinham vindo do norte, nordeste, de Minas Gerais, para Brasília, procurava convencer as pessoas de que deviam voltar para suas cidades. Mas não como um mendigo arrependido. Deviam voltar lá com []. Então procurava fazer acordo com o prefeito, de modo que o prefeito verificasse a possibilidade de arrumar um terreno e o governo de Brasília ia fazer uma casinha para o cidadão, arrumar um emprego para ele. Acho que alguma coisa chegou a fazer sentido, mas muito pouco. Porque enquanto não se enfrentar esse problema de uma maneira global, não vai resolver. Um ou outro não vai resolver. Isso tem que ser enfrentado. Então é essa ligação/

L.N.: Então você acha que o problema do campo continua grave no Brasil?

D.P.: Ah, continua. Continua grave, muito grave.

L.N.: Dimas, os anos 60 [] uma defesa das reformas de base. O Partido Comunista também entrou nessa luta. Mas, no início de 60, o Partido Comunista vai estar enfrentando problemas internos graves também, que levou, em 1971 à fundação, quer dizer, a uma cisão e à adoção da sigla PC do B por um grupo que eram aqueles que não apoiaram a plataforma de 1958, a declaração de março de 58, e o PC se dividiu. O Partido Comunista se dividiu. A gente pode considerar que essa foi a 1ª grande divisão que o partido sofreu. Apesar de ter muitos... um partido que estava ganhando uma visibilidade, apesar de ser ilegal, ele enfrentou problemas internos. Como é que você acompanhou e viu esse processo de cisão e de divisão do partido ao qual você era filiado?

D.P.: Olha, até a ocasião do golpe, embora eu sempre tenha tido boas relações com as direções mais altas do partido, principalmente do comitê central, eu me limitava muito ao trabalho em Minas Gerais. Então essas grandes divisões ocorreram mais no Rio de Janeiro e São Paulo.

L.N.: Na cúpula do partido.

D.P.: É. Na cúpula, principalmente no Rio e em São Paulo. Minas, a gente em Minas era nesse sentido, mais, vamos dizer, não digo disciplinado, mas mais levado a apoiar a maioria do partido. A maioria, aquela idéia, o partido tem esse problema da maioria prevalece. Embora, entre nós, às vezes surgia um ou outro que discordava, mas acabava ficando ali. Agora, a gente lamentava isso. Todos nós lamentávamos, e eu principalmente. Sempre achei uma grande incoerência no partido esse negócio de tentar solucionar problemas de divergência ideológica com a expulsão de companheiros. Mas, o partido, eu tenho a impressão que o partido sempre usou isso. Me parece que ultimamente está melhorando nesse sentido. Porque o entendimento que eu tenho tido com os companheiros agora, tanto do PCB quanto do PPS tem sido de uma maneira mais solidária, mais de camaradagem. Outro dia aconteceu um caso interessantíssimo, agora, nesse últimos dias. Morreu o companheiro Geraldo Magela de Almeida [], você deve ter conhecido.

L.N.: [].

D.P.: Pois é. Ele morreu. Mas então, eu fui ao enterro dele. Cheguei lá, o pessoal do PCB, [tosse] que é a turma que... a turma dogmática. A turma [] tradicional, // que não saiu para o PPS, // me pediu, falou: Dimas o seguinte: “ – *Nós não vamos poder ficar para o enterro, nós temos outro compromisso, você podia falar em nome do partido*”. Eu falei: “ – *Mas no momento, eu não estou filiado ao partido. – Mas não tem problemas, todo mundo sabe que você é comunista mesmo. Você fala em nome do partido, entendeu?*” [riso]. Nós vamos chamar [] para ver se está de acordo, porque vai ficar muito desagradável na hora eu falar em nome e um companheiro e fala: – Mas ele não é nosso filiado. Que negócio é esse? Então chamaram todo mundo... – É você mesmo. Não tem conversa. É você mesmo. Daí a pouco chegou o Paulo Elisiário, companheiro nosso lá do PPS, presidente do PPS. Eu falei: “ – *Paulo, o pessoal aí quer que eu fale em nome do PCB. Então vamos combinar o seguinte, eu falo em nome do PCB e você fala em nome do PPS*”. Ele falou: “ – *Não. Você vai falar em nome do PPS. Você é um velho companheiro, compreende? Todo mundo []. Você pode falar em nome dos dois.*”

L.N.: É uma coisa bonita.

D.P.: Pois é. Isso me emocionou profundamente, ver que eu, que sempre defendi a união desses comunistas, sempre desejei isso com toda a força de que eu sou capaz, acabei servindo de instrumento para que um passo nesse sentido fosse dado. Embora num momento lamentável da morte de um companheiro. Mas é interessante isso. Porque eu acho o seguinte: nós deveríamos fazer tudo, os comunistas deveriam fazer tudo para colocar todas aquelas divergências secundárias no armário, e se concentrarem no que é fundamental. Eu acho que a gente encontraria um caminho de luta. E esse caminho [/].

L.N.: Mas essa cisão que ocorreu, ela não foi símbolo de divergências profundas ou não, você considera...

D.P.: Eu acho que são divergências ideológicas/

FIM DO LADO A DA FITA 11

Entrevista - Fita 11 - Lado B

L.N.: Pode falar, Dimas.

D.P.: Eu acredito que são divergências ideológicas profundas. Mas eu acho que tem outras razões também, que motivam isso. Porque hoje, por exemplo, que nós estamos aí numa série de dificuldades, existem aproximações. Por exemplo, a China descordou da União Soviética, alegando que a União Soviética era revisionista. Mas a China também não está fazendo uma série de revisões, pronunciando uma série de revisões? Então eu tenho a impressão que não é que as divergências eram mais assim de... da maneira de compreender as questões do que em relação às próprias questões. Eu acho, no caso brasileiro, eu acho que tinha muito assim também, de imaturidade de alguns companheiros, de vaidade de outros companheiros. De uma incompreensão a respeito do processo revolucionário. Você querendo impor coisas que deram certo num país, impor a um outro país inteiramente diferente. Mas você quer impor porque você ocupa um cargo de direção, você acha que aquilo... nós tínhamos, por exemplo, aqui os cursos do partido. O partido, nesse sentido, ele era cuidadoso, ele tinha muitos cursos, toda base tinha um serviço público. *[interrupção na gravação]*. O partido tinha... todas as bases do partido tinham serviço público. Então tinha... usava toda a reunião, lia um trecho de um clássico do marxismo e discutia aquilo. Mas não era... não havia aquela preocupação em ver aquilo como uma contribuição para que você encontrasse, compreendesse uma determinada realidade. Então se procurava ali era aprender o que tinha acontecido num lugar para transplantar para outro lugar. Tanto assim que aqueles companheiros mais atrevidos, um ou outro mais atrevido, às vezes chamavam os cursos nossos, curso de marxismo, por exemplo, e falavam: “ – *Isso é mais é curso de dogmatismo do que de marxismo.*” Porque era uma imposição, era uma imposição para fazer e para ficar explicando, ficar justificando aquilo que estava ali escrito. Um exemplo concreto. Por exemplo, a Revolução, vamos dizer assim, na União Soviética o Lênin citou, falou uma frase em relação a um determinado problema concreto de lá. Aquilo corria na boca de todo mundo aqui, como se aquela frase fosse válida em relação ao Brasil, entendeu? Eu me lembro até que numa ocasião na história do partido aqui em Belo Horizonte, nós fizemos um curso, demorou quase que 1 mês. Então tinha que fazer uma análise de um informe do Stalin. E não me lembro o que foi, mas teve um trabalhador chamado Policarpo, Geraldo Policarpo de Souza, mineiro de Nova Lima. Ele discordou de uma frasezinha do Stalin e o pau quebrou em cima dele, todo mundo contra, que era um absurdo uma pessoa

ter a coragem de discordar do Stalin. Então ele saiu: “ – *Gente, (muito humildezinho) mas vocês não acham que o camarada Stalin, que trabalha tanto, não tem o direito de dar nem um cochilozinho às vezes?* [] *cochilou naquele momento... Mas era isso.*” Então aquilo era válido. E eu acho que esse negócio atrasou muito mesmo a situação/

L.N.: // Você acha que // foi essa rigidez que também levou a essa cisão?

D.P.: Acho que isso contribuiu muito, entendeu? Contribuiu muito porque você vê, por exemplo, vamos supor assim um fato que está aí. Havia condições, na ocasião, para a luta armada no Brasil em 64? Eu estava mais ou menos ligado em alguns que achavam que não tinha condições. Que nós não tivemos condições de acumular as forças necessárias, de nos preparar e o inimigo se preparou e veio em cima de nós e nós não reagimos. Quando você sabe que você vai entrar [] para perder uma guerra, o caminho mais certo é recuar para preservar suas forças e depois se preparar e avançar. Mas muitos companheiros acharam o contrário, resolveram entrar. Resolveram entrar estimulados por forças praticamente de fora como Cuba. Fidel Castro naquela ocasião estava/

L.N.: E você acha que o pessoal que foi do PC do B sofreu muito essa influência?

D.P.: Sofreu. O PC do B, que hoje está sofrendo grandes transformações, ele foi um partido que teve uma influência muito grande do []/[]. do PC do B, eu acho que foi tão violento, tão profundo, que eles faziam questão de girar em torno de um pólo, em qualquer [situação]. Primeiro giraram em torno da China, tudo que a China defendia estava certo par eles. Depois passaram a girar em torno de Cuba. Depois passaram a girar em torno da Albânia. E aí está provado que na Albânia a situação era tão problemática, eles estavam tão certos de que ali é que estava a vanguarda da classe operária dominando. É o país que tem tomado atitudes piores atualmente. Atualmente, é o país que tem demonstrado que estava... que o negócio lá estava muito mais difícil. Então eu acho que isso ocorreu. Agora, eu tenho uma idéia também, sabe? Eu acho também que faltou uma certa modéstia nos revolucionários brasileiros, em grande parte dos nossos companheiros. Eu vi muita gente que não gostava do Prestes. O Prestes, por sua vez, com aquela sua formação militar fazia com que ele, às vezes queria impor as suas opiniões. Então os companheiros tomavam atitudes assim, por exemplo, como fizeram nos últimos tempos, não é? A maioria da direção estava em Paris. O Prestes e talvez mais um companheiro, em Moscou. Então, quando havia reunião, os de Paris se reuniam antes, discutiam e chegavam a alguma conclusão. Então quando o Prestes vinha de Moscou, com mais um ou outro, já vinham em minoria. Perdiam tranquilamente a votação. Então na eram formais aquelas reuniões. Aliás, quando eu estive com ele logo que

ele voltou, ele me queixou isso. Disse que tinha deixado, tinha resolvido não ir em reunião mais porque sabia que já estava derrotado. Então era inútil discutir. Agora, eu vi outros companheiros dizendo que o Prestes, por exemplo, era um companheiro muito dinâmico, trabalhador, e que seria melhor que ele trabalhasse menos, porque quantos mais ele trabalhava, menos ajudava. Porque eles achavam, discordavam da posição dele, achavam que ele estava prejudicando. Então essas questõezinhas assim, de fofocas, de falta de simpatia um pelo outro, acabavam prejudicando a orientação do próprio partido. Eu acho que a direção dos dirigentes do partido precisam ter uma compreensão [] ser simpático a esse ou aquele companheiro. Tem que seguir uma linha que corresponda aos interesses gerais do povo, além do partido. Eu acho, agora, por exemplo, eu não me conformo com a existência de tantos partidos comunistas, não concordo/

L.N.: Você não concorda com esse tipo de divisão não?

D.P.: Não concordo. Eu acho que se... [] até peço a eles que se um dia eles ouvirem o que eu estou falando, me desculpem, mas [] a sinceridade de um velho companheiro. Acho que eles tinham que abrir mão. Nós estamos vivendo uma situação tão grave no nosso país. Abrir mão de tudo que puder para a gente encontrar uma plataforma de ação comum, capaz de conduzir o nosso país. Eu, por exemplo, usei disso numa reunião em defesa, agora da *Petrobrás* como empresa estatal, em defesa do monopólio estatal do petróleo. Eu estendo a minha mão a todo mundo, mesmo aqueles contra os quais eu lutei no passado recente. Contra... eu não quero saber... [] todo mundo sabe que é um homem da direita, está aí defendendo o petróleo. Estou com ele. Nós vamos convidar agora uma pessoa também, o diretor da Escola Superior de Guerra, o Brigadeiro Ferola, vamos convidar. Porque o que interessa é o que se está fazendo no momento. Nós não podemos é ficar presos ao passado. Não podemos. Nós temos que olhar é o presente e com as vistas voltadas para o futuro. Eu acho que o sofrimento, dos milhares de companheiros que foram massacrados, perseguidos e tudo, não pode jamais ser esquecido. Mas não pode também ser objeto, ser transformado em obstáculo à luta que pretende beneficiar cento e tantos milhões de brasileiros que estão aí. Então minha palavra é que/

L.N.: Dimas, voltando um pouquinho ao início dos anos 60. Você acompanhou a fundação do CGT e a atuação do CGT ou você estava militando... você estava militando numa outra área, não é? Nessa época você estava mais afastado da área sindical.

D.P.: Não... essa CGT que tem aí/

L.N.: Não, a CGT... o CGT, aquele que o Riani foi presidente...

D.P.: Não, aquele ali... naquela ocasião, eu já, a minha atividade dentro do movimento sindical // já é // como advogado. Entendeu? Então já não era mais assim a serviço, não.

L.N.: O que você achou do governo João Goulart? Essa é a nossa última pergunta hoje, que a semana que vem a gente entra só no golpe. É só para fechar. Então você faz uma avaliação do governo João Goulart já preparando para a gente falar sobre o golpe, tá?

D.P.: O governo João Goulart, o que nós fizemos foi uma... Eu considero o governo João Goulart um governo avançado. Um governo avançado, onde o povo teve ocasião de se manifestar, participar, organizar e lutar. Mas havia também muitas forças contraditórias dentro do próprio governo, que impediam que houvesse uma coerência maior entre o governo e as forças populares. O próprio Jango tinha também as suas contradições. Tinha contradições. Era mal informado por muitos de seus assessores. E eu tenha a impressão que as contradições que ele tinha não permitiam que ele caminhasse mais para a frente, compreendeu? Porque a vida dele, a sua existência social afetava muito. Ele tinha vínculos, econômicos fortes, não é mesmo? Eram propriedades imensas. Aquilo tudo. Eu penso que essas pessoas somente com grande desprendimento ou através de uma pressão muito forte da massa popular podem se desvincular desses interesses e caminhar diretamente em sentidos revolucionários. Quando muito, eu acho que ele fez muita coisa. Mas eles têm inibições próprias que impedem que eles dêem um passo mais adiante. Preocupam que aquilo vai afetar os interesses deles. Entendeu? Então eu acho que/

L.N.: Você acha então que esse vínculo estrutural do João Goulart com a propriedade rural, com o fato de ser [], essas coisas que dificultou ele avançar?

D.P.: Dificultou muito. O fato mais significativo que eu acho é o seguinte: olha, na hora, a decisão, o momento mais difícil na vida de qualquer pessoa é tomar decisão. Quando ele tinha que tomar decisão de se colocar a frente de um grande movimento, eu acho que ele tinha que tentar aquilo, conclamar o povo à luta. Eu acho isso, sinceramente eu acho isso... Aí ele tem que [] o seguinte: se ele podia... tem que pensar, se eu for derrotado eu perco tudo que eu tenho. Então é o momento de decisão. E ali então que ele vacilou, []. Compreende? Sentiu que não podia fazer aquilo. Porque é claro que os interesses dele que seguraram, entendeu? Quem [] conhece na história outros fatos. Aliás, nesse sentido, eu acho que o Brizola é mais decidido. Porque duas vezes o Brizola chamou o povo para a rua, não é?

L.N.: Quais foram essas 2 vezes?

D.P.: A 1ª vez foi na ocasião da posse do próprio Jango, // não é? //

L.N.: // Da campanha da // legalidade?

D.P.: Chamou, organizou e lutou para formar a campanha da legalidade. Conseguiu o apoio de uma parte das Forças Armadas e deu resultado. Da 2ª vez foi quando derrubaram o Jango. Ele queria resistir, queria reagir. Eu acho, aí é que falo. Assim como eu achei que os nossos companheiros saírem para a luta armada, depois de tudo que tinha acontecido era um suicídio, eu acho que se o governo tivesse assumido o papel dele primeiro tinha mudado muitas coisas. Porque veja por exemplo, o Brizola... o Carlos Lacerda estava sitiado dentro do Palácio da Guanabara. O Aragão estava com muitos é... pessoal da marinha. A turma lá com ele. Quem é que pode garantir que se ele atacasse o Palácio da Guanabara não teria ali uma vitória. Podia ter até uma pequena vitória, mas isso não seria de estímulo para o povo? Serviria de estímulo. Porque o que eu vi... eu vi massa, na rua mesmo. Agora, não vou avançar e não vou dizer que aquela massa toda estava pedindo arma não. [às vezes] não... Mas havia uma revolta grande. E o Carlos, o outro Carlos, aquele general Kruel, lá em São Paulo, estava resistindo. Depois aderiu. Eu tenho a impressão que o Jango no final deu uma demonstração assim de despreparo para o movimento naquele nível, não é?

L.N.: Que o movimento chegou.

D.P.: Que aquele movimento chegou.

L.N.: É. Bom. Aí você falou do ponto de vista do governo. Como é que você viu o que era o Jango. E do ponto de vista dos movimentos populares e sociais, como é que você avalia o governo Jango? Você deu opinião sobre o governo e sobre o Jango falando que o Jango realmente não podia ir além daquilo por causa das origens dele. Agora, eu te pergunto o seguinte: o que você acha, como é que foi, o movimento popular nesse momento? Porque o movimento popular, você mesmo falou, estava crescendo, procurando interferir na realidade, fazendo as reformas mas de base, fazendo greves, etc. Era um movimento em ascensão, para a gente usar o termo. Mas foi derrotado.

D.P.: Foi derrotado.

L.N.: Foi derrotado. Eu queria que você fizesse uma avaliação se você acha que ele estava numa linha correta ou se não conseguiram avaliar bem a conjuntura. Como é que era, é isso.

D.P.: O movimento estava num processo de mobilização e organização. Mas estava acelerado, [] o padre Lage também ajudando a organizar, o sindicato se mobilizando, se organizando e aquela [] tomando conta, criando uma consciência mais ampla. O pessoal se fundindo naquela idéia. Isso é verdade. Mas havia muita ingenuidade também. Dos líderes principalmente. Porque era impossível a gente... nós não estávamos em condições de prever o que iria acontecer. Porque nós tínhamos a impressão de que com aquela pressão a gente conseguiria as reformas de base. Aí ocorrem alguns erros. O Brizola, por exemplo, quando ele lançou a bandeira de que a reforma tinha que ser feita na lei ou na marra, aliás, quem começou a falar isso primeiro foi Julião. Mas quando o Congresso começou a resistir, uma grande parte da esquerda começou a aceitar essa idéia. Então o Brizola propôs ao Jango que se o Congresso não aprovasse as reformas de base, eles iam fazê-las por decreto. Isso foi interpretado pelas Forças Armadas como um atentado à legalidade do país. Aí é um negócio seríssimo. As Forças Armadas sempre tinham... sempre entraram nos movimentos populares, como entrou na luta pela posse do Jango, coagidas pelos postulados da lei.

L.N.: É o legalismo.

D.P.: É o legalismo. Então a lei estabelecia que o Jango tinha que tomar posse, quando nós não gostamos dele, não queremos saber dele, mas ele tem direito de tomar posse porque a lei diz. Então disseram para o pessoal da esquerda nessa ocasião: “ – *Pois é, vocês sempre nos disseram para cumprir a lei, agora quem está querendo cumprir é o governo.*” Quer dizer, tiraram esse grande argumento, isso aí facilitou a adesão da Forças Armadas, tiraram... o Brizola tirou esse argumento nosso. Agora, no meio do povo havia ilusão, e nas Forças Armadas também. Prestes falou muitas vezes, falou muitas vezes... // [nós estamos no poder... estamos no governo] //

L.N.: // Isso... isso... é isso mesmo. //

D.P.:... um negócio assim, maluco, compreende? E o governo com aquelas informações levadas pelo serviço secreto do Exército de que as Forças Armadas estavam com ele, aquilo tudo. Para fazer com que ele acreditasse nisso, acreditasse [nele]. E nós e o povo pensando que se houvesse alguma confusão ia ser de poucos dias, compreende? O exército acalmava a coisa. A nossa confiança no [] foi exagerada no caso. Foi exagerada. Então os movimentos populares estavam no que se pode chamar de um despreparo ideológico, que é a questão... material e ideológico. Compreendeu? Eu acho o seguinte, que nós devemos... nós temos que manter o povo mobilizado. Preparado ideologicamente para enfrentar a luta num terreno que seja estabelecido de acordo com as circunstâncias do momento. Por que você não pode

nunca prever se vai conquistar uma vitória ou não, só através da atuação de massa. Como você não pode também estabelecer que só tem que ser com a luta armada. Isso não depende da gente. Não depende de um lado. Depende de uma correlação de forças, que envolve todos... todo mundo que está em jogo. Então o que o partido deveria na ocasião... o Partido Comunista, ao qual eu estava ligado, e os outros partidos, era mostrar ao povo que ele devia se preparar para defender aquelas questões. Agora, quanto se a forma seria essa ou aquela, isso ia ser decidido. Mas a pressão da massa, o crescimento do movimento de massa, isso é o fundamento de tudo./

L.N.: // Você acha o seguinte // vê se é isso: o movimento de massa cresceu, o movimento popular cresceu mas não alcançou o nível de amadurecimento ideológico, é isso?

D.P.: Isso. Exatamente. Muitas greves que ocorriam naquela ocasião não expressavam realmente a disposição do pessoal para uma luta. Expressavam um certo oportunismo porque o governo não ia fazer repressão. Greve de funcionário público, por exemplo, naquela ocasião, [] greve, porque o governo não tomava providência nenhuma, ele era favorável. Então não expressava, entende, [expressão] de luta, entende? Isso é que eu penso. E não é isso. E o movimento para impor aquela reforma. Reformas duras, como a reforma bancária, por exemplo, que até hoje não foi conseguida, fazer com flores? Com brincadeiras? Com apenas discursos?

L.N.: Mexia com capital financeiro...

D.P.: Não dava. O negócio era sério. Mas nós éramos muito idealistas, mais do que... muito mais do que ainda somos hoje. A gente pensava que tinha que ser assim, no grito, não é? Tranquilo. Por isso é que eu acho que... agora não. Agora o pessoal já sabe que...

L.N.: Que o caminho é mais duro.

D.P.: Que o caminho é difícil.

L.N.: Bom, Dimas, na sessão que vem/

FIM DO LADO B DA FITA 11

B

Brizola, 14, 15

C

Cabana, 2, 4
CGT, 13
China, 10, 11
comunistas, 9, 12
Cuba, 11

D

ditadura, 4

F

favelados, 1, 2, 6, 7
Fidel, 11
Forças Armadas, 14, 15

G

golpe, 3, 4, 5, 6, 8, 13

J

Jango, 3, 13, 14, 15

L

Luciano, 2

M

movimento popular, 3, 14, 16

P

PC do B, 8, 11
PCB, 4, 8
Petrobrás, 5, 12
PPS, 8
Prestes, 11, 15
PSB, 5
PTB, 4

R

reformas de base, 3, 4, 5, 7, 8, 15
Rio de Janeiro, 8

S

São Paulo, 8, 14
solidariedade, 4

U

União Soviética, 10